

Conceição Evaristo e as vozes-mulheres

Manuela Santos Dias (UNEB)¹

*A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas*

Conceição Evaristo

O presente artigo nasceu de reflexões inspiradas na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, (2011) de Conceição Evaristo, que apresenta treze contos protagonizados por mulheres negras e que foi meu *corpus* de pesquisa no mestrado. Conceição Evaristo é um expoente da literatura brasileira contemporânea, nesse sentido, seu potencial literário se confirma tanto em sua densidade temática, quanto na riqueza de recursos artísticos que utiliza para compor suas produções. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG). cursou mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutorado em Literatura Comparada na UFF. As obras publicadas pela autora são: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Olhos d'água* (2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016); *Canção para ninar menino grande* (2018).

As técnicas utilizadas em suas *escrevivências* são ancestrais e como enfatiza a própria autora, suas histórias dizem muito mais do que ela própria elabora, posto que há um emaranhado de informações que preenchem seus textos, e vozes que ecoam como heranças:

Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência a lembrar de algo que escrevi recentemente: “O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus X. Graduada em Letras Vernáculas (UNEB);

caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...” (Evaristo, 2009, p. 3).

A poesia visitava e escolheu morar nas palavras da autora que imprime em suas produções vozes-mulheres que são múltiplas, que geram e nutrem vidas do presente-passado-futuro.

A coletividade é uma das marcas da escrita de Evaristo, uma vez que cada personagem carrega consigo um universo de possibilidades para si e para outros corpos que se assemelham ao seu. Nota-se que o fato de apresentar mulheres negras como protagonistas, especialmente na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, estabelece uma ruptura, pois as personagens são múltiplas e mesmo assim se conectam umas com as outras. O mais relevante é que elas podem contar suas histórias e estas são ouvidas, valorizadas e respeitadas, legitimando, assim, a humanidade destas mulheres. Quando uma protagonista conta sua jornada em um corpo negro estigmatizado, ela carrega muitas outras histórias que se atrelam e entrelaçam em uma teia infinita que extrapola lógicas geográficas e temporais.

É evidente que cada indivíduo vai desenvolver ao longo da vida, habilidades de convivência social, ser, estar no mundo ou pertencer a um determinado grupo de forma diferente e, neste sentido, Sobonfu Somé (2007) acredita que se sentir acolhido fortalece o espírito, ao passo que, “quando você não tem uma comunidade, não é ouvido [...], essa carência enfraquece a psique [...]” (Somé, 2007, p. 35). Portanto, sentir-se alheio, excluído ou inexistente do projeto identitário de um país repercute diretamente na vida das pessoas, logo, não se ver como protagonista ou o fato de se perceber representado com características inferiorizadas ou diminuídas nas expressões artísticas acarreta sérios transtornos para os sujeitos. Nesse sentido, o sentimento de alheamento ou não pertencimento é gerado e fomentado pelos grupos privilegiados que acumulam poder, reforça as estruturas sociais de domínio e refletem na sociedade suas ações artísticas e sociais, maneiras de pensar e comportamentos que avigoram as identidades anuladas no processo.

A tomada de consciência de si e dos valores pessoais, é importante para que pessoas que fazem parte de grupos historicamente oprimidos assumam o protagonismo de suas histórias e reconheçam a potência de suas subjetividades no processo de desenvolvimento social e se fortaleçam como grupo. Vale lembrar que a literatura e todas as produções artísticas são imprescindíveis no processo, pois amplia a possibilidade de debate sobre o tema e propõe um foco nas questões sociais. O pertencimento fortalece a individualidade e garante ao coletivo condições de desenvolvimento e participação ativa das decisões que afetam o

grupo. Quando se tem uma percepção de si alterada, objetificada ou reduzida é comum observar que estes indivíduos não exercem total potencialidade, tornando-se emocionalmente enfraquecidos. No caso da escrita de Conceição Evaristo, o que se nota é a retomada da consciência plena de pessoas negras, especialmente mulheres, acerca de suas condições como sujeitos com habilidades, conhecimentos, histórias e lugares sociais importantes e a autora reforça que

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação (Evaristo, 2005, p. 54).

A autorrepresentação, que se consolida por meios das vozes de mulheres negras que constroem e evidenciam seus discursos, amplia a possibilidade de protagonismo para estes corpos não apenas na literatura, mas também na vida.

A produção literária de muitas mulheres negras no Brasil como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Anajá Caetano, Aline França, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo e tantas outras, apresenta marcas características da ancestralidade e oralidade africana, que permeiam as vivências e imprimem valores espirituais e sagrados às narrativas. Nesse sentido, “a tradição oral é a grande escala da vida e dela recupera e relaciona todos os aspectos.” (Bâ, 2010, p.169). Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a narradora que escuta e conta as histórias, ao mesmo tempo, acolhe as vivências e entrelaça as vidas que se assemelham e se conectam. O ato de refazer-se por meio da escuta é ancestral, pois como em um ritual sagrado, a narradora relembra a figura dos grandes *griots*, e todas as treze histórias contadas são também ouvidas pelas personagens que parecem reunidas em um grande círculo mágico, sendo assim, “dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados” (Bâ, 2010, p.169). Bâ (2010) enfatiza ainda que a oralidade está fundada na iniciação e experiência humana, pois compõe as subjetividades e fortalece a espiritualidade.

A literatura, escrita por mulheres negras, carrega nuances que seus corpos experimentam, compartilham e imprimem em suas personagens. São textos que sangram e vazam vidas marcadas pelo sistema opressor racista, machista e misógino, sem contar a inovação artística e estética que carregam: “Há várias vozes, vários textos inovando a literatura nacional. [...] Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas” (Evaristo, 2020, p. 37). São *vozes-mulheres* que

se erguem e apresentam perspectivas que foram e ainda são ignoradas, mas precisam ser ouvidas.

É evidente que a autora tem mente a importância de sua escrita e reconhece que tanto sua literatura quanto de outras mulheres negras inova e sugere imaginários sociais que vislumbram corpos negros como protagonistas. Há na escrita de Evaristo encantamento e sedução, pois são corpos encantados que registram em palavras, narrativas que atravessaram os mares com os ancestrais e chegaram aos dias atuais com potência e tantos outros elementos que se fundiram e criaram novas maneiras de viver.

A resistência é um ponto de destaque nas produções da autora, que se instaura tanto no discurso, quanto na construção de personagens e estruturas textuais fora dos padrões e lógicas pré-estabelecidas pelo sistema hegemônico, que atribui, principalmente aos homens e mulheres brancas papéis de protagonistas bem sucedidos. Evaristo demarca a ruptura em sua escrita e nas produções de outras pessoas negras e afirma que “se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30). Nada é inocente nas propostas da autora, cada detalhe é significativo para sua construção textual, desde traços de sua ancestralidade, aspectos da religiosidade de matriz africana e críticas às injustiças sociais. Vale salientar a importância da escrita de Evaristo no processo de militância do Movimento Negro e fortalecimento na luta e conquista de territórios, especialmente acadêmicos, que sempre foram negados aos corpos negros.

Escrevivência: o retorno para si

A *escrevivência* apresentada por Conceição Evaristo evidencia a escrita que nasce a partir das experiências pessoais da autora e não se restringe aos seus interesses particulares, pois refletem anseios e sensações que afetam o coletivo ou grupo social que ela participa e sua condição de mulher negra no mundo. A necessidade de trazer personagens negros e negras para o centro do texto e teorizar sobre esse movimento de escrita reforça o protagonismo intelectual dos sujeitos afro diaspóricos e rompe com a ideia colonial, que delega à elite masculina branca o potencial intelectual único capaz de criar e legitimar teorias no campo artístico-literário. Nesse sentido,

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças

(Evaristo, 2020, p. 30).

O ato de escrever, viver e reviver, confere ao texto de Evaristo a possibilidade de existir com dignidade, além de promover um movimento de auto conexão e encontro das pessoas que acessam suas histórias e se percebem vistas e representadas no texto, como de fato são especialmente com amor-próprio e respeito. A escrita da autora funciona como o Abebé de Oxum, espelho por meio do qual é possível enxergar e vislumbrar a si e aos outros.

Nota-se que, além da sólida produção literária, a autora enfatiza a importância de críticos e teóricos protagonizarem o papel de criar pressupostos capazes de fundamentar os fenômenos presentes nos textos produzidos por pessoas negras, posto que, diante da realidade social que os corpos negros enfrentam, como o racismo, é fundamental protagonizar, articular ideias e pressupostos a partir do seu lugar de fala, a fim de barrar os silenciamentos que foram impostos por séculos. Fica evidente, portanto, que “as vivências das narrativas expõem o lugar de onde emergiram, ou seja: um segmento étnico e de classe específico” (Alves, 2010, p. 184), que consegue ser melhor detalhado e analisado por corpos que experimentam a vida por este viés. Vale salientar que a ideia não é excluir pessoas não negras do processo de elaboração teórica e literária, mas sim, destacar o discurso e protagonismo que sempre foi negado aos grupos oprimidos, pois

Assim, são os conhecimentos produzidos nas antigas metrópoles que têm o estatuto de ciência e, no caso, das artes e da literatura, detêm um prestígio e uma projeção privilegiados, ganhando a conotação de “universal”, enquanto aquele que nasce nas ex-colônias é um conhecimento, arte ou literatura “local”, por isso, menor (Prazeres, 2018, p. 32).

É possível perceber a ideia de “arte ou literatura local” quando por exemplo, se condiciona produções de artistas negros ou indígenas brasileiros apenas ao “lugar social”, ou seja, são trabalhos muitas vezes ignorados pelas instituições de ensino elitizadas que rejeitam ou descredibilizam seus valores artísticos. O silenciamento destas vozes contribuem para o apagamento histórico destes corpos, pois

Não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas [...]. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de falar como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (Ribeiro, 2017, p. 64).

Nesse sentido, reforçar o potencial intelectual das pessoas negras por meio da literatura evidencia e valida vivências e corpos subjugados, que por muito tempo foram e ainda são condicionados à escravidão, tanto física quanto mental.

Há uma (con)fusão intencional ao mesclar ficção e realidade, ao ponto de não se saber se as narrativas contadas realmente aconteceram ou foram inventadas e isso é extremamente sedutor, tanto para o leitor curioso, quanto para as pessoas que se percebem parte do texto, pois, “assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens” (Evaristo, 2020, p. 32).

Nesse sentido, o texto de Conceição Evaristo apresenta uma escrita que corta, sangra e cicatriza dores, além de curar ou amenizar traumas que as histórias de opressão deixaram. Por isso, afirmou a autora: “Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam” (Evaristo, 2020, p. 31). Atribuir humanidade aos corpos negros é uma forma de restituir o que fora roubado e pensar novos rumos mais justos para as próximas gerações. Ter de volta a humanidade possibilita aos corpos negros existir, amar, viver, cuidar, sonhar, se afetar e ser afetados pelos outros, ações que não foram permitidas aos sujeitos afro diaspóricos.

Ao escrever sobre si não é possível dissociar a experiência pessoal das vivências coletivas, pois é em grupo que as necessidades humanas se concretizam, por isso, as *escrevivências* estão sempre atreladas as demandas pertinentes aos contextos que as personagens reais ou fictícias pertencem. Corpos de mulheres negras são atravessados por pontos convergentes, ou seja, em função da estrutura social excludente, há situações que não são exclusivas: “a literatura produzida pela mulher negra simbolicamente apresenta o corpo preto como sujeito e protagonista de sua história, numa construção de si em permanente inter-relação com o outro” (Cruz; Cunha; Pires, 2020, p. 2891).

As múltiplas possibilidades de existência, tanto dentro quanto fora do texto articulam novas perspectivas e inscreve os corpos de mulheres negras em um circuito de potência, contrário ao que é amplamente difundido pelos limites do colonialismo, como explicou Bhabha (1998):

A construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso exigem uma articulação das formas da diferença – raciais e sexuais. Essa articulação torna-se crucial se considerarmos que o corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder (Bhabha, 1998, p. 107).

Observa-se que a conotação negativa que o discurso de poder e controle colonial atribui aos corpos das mulheres negras condiciona suas vivências aos espaços e às situações de submissão e subserviência, no entanto, a literatura, especialmente escrita por mulheres

negras, contribui para a criação do imaginário positivo acerca desses corpos, criando assim novas possibilidades para eles.

Há um projeto de extermínio dos corpos negros que está bastante articulado e instituído na estrutura colonial. Mbembe (2016), com base nos estudos de Foucault, enfatiza que há políticas de morte que exercem funções de controle sobre a vida das pessoas, que determina quais grupos sociais estão destinados a morrer sem piedade, no intuito de manipular as ações e promover o extermínio dessas populações. O autor reforça que

[...] o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo” (Mbembe, 2016, p. 128).

O racismo opera como um dispositivo de poder, capaz de demarcar a hierarquia de opressão entre os grupos sociais e legitima o rótulo de desumanidade atribuído aos povos que foram colonizados. Nesse sentido, “a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los” (Mbembe, 2016, p. 128). É importante perceber as dimensões do racismo e constatar que, para uma criança ou pessoa adulta negra, o fato de não ser representada na literatura ou em outras expressões artísticas, em um país que apresenta metade da população negra, tal ação funciona como um ato de anulação total de sua existência. Se a pessoa não se vê em espaços importantes e representativos, nem percebe sua existência como algo potente e positivo, é como se ela estivesse morta, sendo assim, a morte em vida é a tônica experimentada por pessoas negras nos espaços sociais.

A partir dos ideais de dominação e controle dos corpos e jeitos de ser do outro, no caso, de pessoas negras, institui-se o pensamento hegemônico, ao passo que todas as outras identidades são anuladas e aniquiladas em favor do capital e enriquecimento a qualquer custo, mesmo que o alto preço seja a vida de muitas pessoas, pois “quanto mais liberdade se outorga aos negócios, mais cárceres se torna necessário construir para aqueles que sofrem com os negócios” (Galenano, 2021, p. 17). As prisões construídas pelo capitalismo mutilam os corpos dos grupos sociais que não possuem poder de decisão, por isso, a literatura produzida por pessoas que foram historicamente silenciadas é importante para garantir que todos possam falar e expressar suas subjetividades, pois “os elementos que constituem o modelo capitalista de poder eurocêntrico e global não estão separados uns dos outros [...]” (Lugones, 2020, p. 8).

Nesse sentido, é imprescindível que cada grupo social, especialmente os que foram excluídos, ocupem seus lugares na história e apresentem para o mundo versões que foram suprimidas, para que não haja apenas uma história única contada pelo viés do opressor, posto que “o capitalismo global mais do que um modo de produção é hoje um regime cultural e civilizacional, pois estende cada vez mais seus tentáculos e domínios” (Santos; Meneses, 2010, p. 9).

O controle é a forma mais eficaz de garantir que os indivíduos oprimidos se mantenham em situação de submissão, para que a “ordem” seja estabelecida, a fim de que nunca se questione sobre ações e posturas das instituições dominantes, pois “[...] toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade” (Lugones, 2020, p. 9). Sendo assim, as artes, especialmente a literatura produzida por grupos excluídos, como de pessoas negras, articula discursos e fomenta ações que efervescem debates sociais necessários, para que as diferenças sejam vistas e respeitadas como parte da diversidade humana.

A disparidade entre as pessoas e seus grupos não é uma constatação recente, posto que é natural, diante de questões fisiológicas, genéticas, históricas e sociais, que as diferenças surjam como parte do processo de desenvolvimento das culturas, no entanto, o estranho é observar o quanto as ideias eurocêtricas, hegemônicas insistem em utilizar mecanismos cruéis de controle no intuito de nivelar as pessoas e anular a diversidade entre elas. Vale lembrar que “as diferenças de gênero são formadas nas disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos. As diferenças se configurariam de acordo com a maneira como esse controle está organizado” (Lugones, 2020, p. 13). Pessoas controláveis nunca questionam, não cogitam a possibilidade de enxergar novas realidades, a não ser as que lhes são impostas como alternativas únicas. Vale lembrar que o controle sempre se estabelece em situações em que o “dominador” se sente ameaçado por perceber potencial no grupo ou indivíduo que deseja controlar.

Boa parte dos conhecimentos acerca do continente africano a que as culturas ocidentalizadas tiveram acesso está baseada em visões estereotipadas e contaminadas por preconceitos e ignorâncias nutridas pelas visões de mundo limitadas dos colonizadores, que não compreendiam as lógicas africanas e, ao invés de respeitar, escolheram ter medo, por considerarem grandes para suas compreensões restritas. Para que possamos avançar enquanto grupos sociais, é importante perceber que não há saber superior e inferior, maior ou menor, pois conhecimento é sempre importante e válido a partir de perspectivas distintas e isso é um fenômeno natural. É triste constatar que “desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se

a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo” (Santos; Meneses, 2010, p. 8), por isso, a literatura produzida por pessoas negras cumpre uma função social importante, pois consegue trazer à tona os saberes que estes corpos preservaram, no intuito de projetar para o mundo conhecimentos que foram reprimidos. Em forma de arte, as narrativas recriam no imaginário coletivo histórias que “borram” versões distorcidas que os colonizadores contaram.

A necessidade de falar de si a partir da própria ótica possibilita novas leituras e versões que até o momento apenas os colonizadores conseguiram contar, pois, em função das estruturas de dominação arquitetadas, “os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais” (Quijano, 2005, p. 118). Dessa forma, podemos considerar que a literatura escrita por mulheres negras cumpre um papel que extrapola os livros, pois é uma escrita de múltiplos sentidos, símbolos, ideologias, crenças e conceitos muitas vezes incompreensíveis aos limitados padrões que os europeus impuseram, uma vez que “a Europa [...] concentrou sob sua hegemonia o domínio de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (Quijano, 2005, p. 121) e expressar saberes a partir de novas perspectivas hoje é retomar o lugar de protagonismo que foi roubado.

O espaço que se abre para a produção intelectual dos povos que foram esmagados pelo controle europeu é fundamental para que as pessoas se questionem sobre o direcionamento da história e tomem consciência da importância de suas narrativas para o desenvolvimento intelectual dos grupos sociais distintos, pois é importante compreender que

O escravismo transatlântico não trouxe apenas africanos e africanas para servirem como mão-de-obra nas colônias da América, mas também tecnologias, cosmovisão, plantas e diversos conhecimentos em fluxos que não foram totalmente interrompidos com o término da escravidão, mas que se mantêm ativos, em alguma medida, até hoje (Silva; Dias, 2020, p. 2).

Inaugura-se um novo tempo, por meio das *vozes-mulheres*, pois sugere um movimento que desperta a capacidade de olhar o passado, com propósito de transformar o presente e construir um futuro digno e justo para todas as pessoas. É importante destacar ainda que estas vozes que se erguem, buscam, por meio da literatura, retomar o lugar de protagonismo que foi usurpado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Míriam. **BrasilAfro autorevelado** - literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte, ed. Nandyala, 2010.

BÂ, Hampâté, Amadou. A tradição viva, in: J. KI-ZERBO. **História Geral da África**. 2. Ed. Ver. – Brasília: UNESCO, 2010. p. 167–209. Capítulo 8. Disponível em<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf>. Acesso em 20 jun de 2023.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CRUZ, Edna Souza; CUNHA, Eronilde dos Santos; PIRES, Rute Maria Chaves. Potência de vozes negras na literatura feminina de Conceição Evaristo. **Revista Philologus**, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2020.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: **A escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo** (orgs) DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 12 ago. 2021.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escrevivência em dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no Mundo** – etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.

GALENANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco. Porto Alegre, 202.

MBEMBE, Achille. Biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrj** | n. 32 | dezembro 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PRAZERES, Lílían Lima Gonçalves dos. **Escrituras feministas Sul-Americanas: corpos, vozes e sentimentos em Luisa Valenzuela**. (Doutorado em (Doutorado em Letras) Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Orientada por Profa Dra Adelia Maria Miglievich Ribeiro. Vitória, 2018.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 22 fev. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SILVA, Lucas César Rodrigues da; DIAS, Rafael de Brito. **As tecnologias derivadas da matriz africana no Brasil:** um estudo exploratório. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 26 (2020). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/28089/27272>. Acesso em 16 maio 2023.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade:** ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odisseus, 2007.